

Mensagem pregada pelo Pastor Guilherme de Amorim Ávilla Gimenez na Igreja Batista Betel, em 05 de junho de 2016, às 10:15.

SÉRIE: ÁGUA

TEMA: JESUS, ÁGUA DA VIDA (Parte 1)

“Mas quem beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede. Pelo contrário, a água que eu lhe der se tornará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna”. (João 4.14)

ÁGUA E VIDA – A PERSPECTIVA HISTÓRICA

O simbolismo da água como fonte de vida é mencionado em quase todas as religiões. No Cristianismo, o encontramos na Bíblia. No Islamismo, no Alcorão. Ele aparece nas religiões orientais e até em escritos pagãos, como os do filósofo grego Aristóteles, que cita Thales de Mileto (624-546 a.C.), ao afirmar que a água seria o elemento original ou o princípio de todas as coisas.

As representações da relação entre água e religião e sua simbologia como elemento primordial podem ser encontradas desde as pinturas pré-renascentistas, em que começam a surgir as pequenas paisagens de fundo, nas quais podem-se ver pequenos rios serpenteantes.

De acordo com as concepções da Idade Média e do Renascimento, os rios não seriam formados pelas águas da chuva e pela evaporação, mas seriam veias que viriam do interior da terra doando vida à superfície. Para a historiadora alemã Ute Seiderer, tal concepção explica a maneira como os rios são representados na obra de Leonardo Da Vinci e de muitos outros artistas de seu período. Nestas representações, os rios aparecem como se sua origem fosse no fundo distante da paisagem e serpenteiam até chegar ao primeiro plano do quadro.

A mitologia grega associou divindades à água. Os poetas escrevem não apenas sobre a beleza da água, mas sobre a vida que ela representa. “A água é a figura que representa de modo mais nítido a vida” (Masaru Emoto. *The Hidden Messages in Water*).

E foi exatamente a figura da água que Jesus Cristo elegeu para identificar-se como doador e fonte de vida.

O TEXTO CANTADO

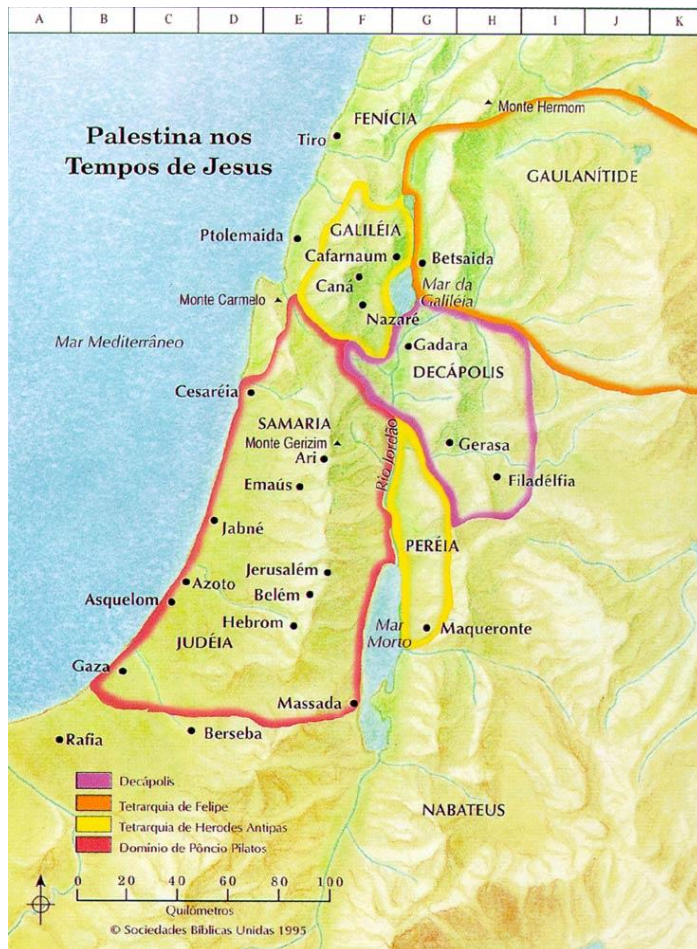
João 4.1-15

O CONTEXTO

O poço de Jacó

“Os fariseus ouviram falar que Jesus estava fazendo e batizando mais discípulos do que João, embora não fosse Jesus quem batizasse, mas os seus discípulos. Quando o Senhor ficou sabendo disso, saiu da Judeia e voltou uma vez mais à Galileia. Era-lhe necessário passar por Samaria. Assim, chegou a uma cidade de Samaria, chamada Sicar, perto das terras que Jacó dera a seu filho José. Havia ali o poço de Jacó. Jesus, cansado da viagem, sentou-se à beira do poço. Isto se deu por volta do meio-dia”. (João 4.1-6)

- **Jesus foge da controvérsia movida pelos Fariseus.** Ele sempre fugia de controvérsias. Não alimentava seu ministério de disputas teológicas.



- **Jesus escolheu passar por Samaria.** Era o caminho mais curto para quem vinha da Judeia e ia para a Galileia. Uma viagem da Judeia à Galileia poderia durar três dias (se o viajante passasse por Samaria) ou seis dias se, evitando a passagem por Samaria, cruzasse o Rio Jordão, seguindo pela margem oriental, cruzando novamente o rio, ao norte de Samaria, chegando, assim, à Galileia. Devido à inimizade entre os judeus e os samaritanos, muitos judeus usavam a rota mais longa para evitar a passagem por Samaria. Essa inimizade tem suas raízes nos anos 720 a.C. Quando o rei da Assíria derrotou Samaria, deportou os israelitas para a Assíria (2 Reis 17.6) e trouxe pessoas da Babilônia e de outros países pagãos, estabelecendo-os nas cidades da Samaria, para desalojar os israelitas, de acordo com 2 Reis 17.24. O casamento entre esses estrangeiros e os

israelitas que haviam escapado do exílio contribuiu para as tensões entre samaritanos e israelitas.

- **Jesus se assenta à beira do poço.** O poço estava em Sicar, localizado próximo ao deserto. Tinha uma profundidade de 100 metros e estava próximo da terra que Jacó havia dado a seu filho José (João 4.5-6; Gênesis 48.22). Esgotado, Jesus sentou-se enquanto seus discípulos entraram na cidade para comprar alimentos. O poço foi o mesmo em que o servo de Isaque se encontrou com Rebeca, e Jacó reconheceu Raquel (Gênesis 24.11; 29.10) Era a hora sexta (meio-dia), momento em que, usualmente, o lugar estava vazio por causa do calor.

UM OLHAR PARA O POÇO

- Os poços, para os antigos, eram verdadeiros tesouros. E, considerando a quantidade de tempo que aquele poço existia e a história que estava por trás dele, podemos imaginar o quanto ele era importante e famoso.

- Jesus vai se apresentar como “água viva”. É um contraste proposital. **Jesus quer mostrar que Ele é maior do que a história e a religiosidade associadas àquele poço. Ele oferece o que a religião não pode oferecer. O que o dinheiro não pode oferecer. O que a tradição não pode oferecer.**

A ÁGUA VIVA NO DESERTO DE SAMARIA E NA ALMA

- Jesus está em uma região desértica. Faz contato com uma mulher samaritana, cujo coração era um verdadeiro deserto depois de tantas desilusões na vida. Seu próprio povo vivia um deserto espiritual de amargura contra os judeus.

- Jesus atravessou um longo caminho e, propositalmente, parou em Sicar. Ele foi até lá se manifestar como a água viva.

- Jesus vem até nós. Ele para em nossos “poços” de aparente provisão e se apresenta como a água viva, a alternativa real de transformação.

SUA BUSCA: QUAL É O SEU POÇO?

“Nisso veio uma mulher samaritana tirar água. Disse-lhe Jesus: ‘Dê-me um pouco de água’. (Os seus discípulos tinham ido à cidade comprar comida.) A mulher samaritana lhe perguntou: ‘Como o senhor, sendo judeu, pede a mim, uma samaritana, água para beber?’ (Pois os judeus não se dão bem com os samaritanos.) Jesus lhe respondeu: ‘Se você conhecesse o dom de Deus e quem lhe está pedindo água, você lhe teria pedido e ele lhe teria dado água viva’”. (João 4.7-10)

- Não é a mulher samaritana, é você.
- Não é um poço em Sicar. Não é o poço de Jacó. É a sua busca, a sua necessidade de preenchimento espiritual.
- Não foi o que o homem construiu (um poço), mas sim o que Jesus Cristo é e oferece: a salvação, a nova vida, a reconciliação com Deus.

BIBLIOGRAFIA

BACHELARD, Gaston. *A Água e os Sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FORTES, Hugo. *Água: Significados e Simbologias na Arte Contemporânea*. São Paulo: USP, 1996.